Editorial

José Barros^{1,2}

1-Centro Hospitalar Universitário do Porto, Porto, Portugal.

2-Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Pandemia COVID-19: Mitigação de uma Injustiça COVID-19 Pandemics: Mitigating an Injustice

Cismaram que escreveria este editorial, talvez porque dei notícia de angústias e peripécias vividas na pandemia durante as semanas duras da Quaresma.

Os tempos estão bons para golpes de asa, eloquência, inteligência, criatividade, humor, generosidade, opinião, palpite, dúvida, hesitação, contradição, mitificação, mistificação, deselegância, demagogia, boato, preconceito, injustiça, perfídia, ardil e má-fé. As expressões brotam em torrentes, assinadas, anónimas ou apócrifas, viperinas, assertivas ou insossas, em todas as línguas, idiomas e dialetos. Não tem muito mal esta usança antiga, que sempre aflora nas guerras e nas pestes. A liberdade de expressão é o nosso bem.

Nada sabemos sobre o futuro. Escrevemos na água. Escolhi contar-lhes uma injustiça particular.

Na televisão do café *Schurmann* já passaram reclames de verão, um fora-de-jogo milimetricamente revisto pelo VAR, adolescentes tresmalhados em Albufeira e uma mata em chamas. O rodapé dá conta de picos de incidência em países grandes, surtos por todo o lado e miríades de mortos. Na esplanada está um homem moreno, com o cabelo grande, desordenado por uma risca disfarçada, trajando casaco *pied-de-poule* esverdeado, calças de bombazina mostarda e máscara cirúrgica à van Gogh, tudo em descombinação perfeita. Rabisca umas curvas epidemiológicas na contracapa do *Público*, limitadas por um eixo vertical roxo, que vai do *Bartoon* à careca dissimulada do Rui Tavares. O marcador de feltro verde leva a abcissa desde o jornal ao tampo metálico da mesa, trespassando cartesianamente o toalhete acetinado dos cafés Delta. As tintas alastram caprichosamente em pingos de melão e em gotas de álcool-gel, simulando notáveis diagramas de dispersão.

— Já sabe os números da DGS, doutor? — perguntou o senhor Jorge, concessionário do café.

— Dou 11 valores, o que para abóbora nem é mau!... É espanhol e foi mal descongelado. Leva um *Suf-*, e é porque está bom tempo.

— É o melhor melão deste ano! Vale 17 valores. O senhor até desanima a gente...

Estavam neste *déjà vu*, revisitado em cada verão, quando chegou uma senhora de meia-idade, em pezinhos de lã, segredando:

— Preciso muito de falar contigo. A nossa equipa está desenhar um estudo de imunidade...

— Não tenho culpa, nem interessa.

— Está a ficar muito giro, temos imensas colaborações. HLA em doentes recuperados e em controlos sem COVID-19.

— À 10ª aula suspenderam a matrícula aos dignitários da nação. Com quantos mapas, quadros, gráficos e tabelas terão levado?

— Desconversas, mas há de ouvir-me...

— Porque não estudas o HLA do próprio vírus? A inexistência não está provada. Dou-te o título: *O HLA não existe no RNA*. É só passá-lo para inglês...

— Há dias em que não se pode falar contigo.

— Todos.

A senhora de meia-idade partiu com naturalidade, sabendo ambos que voltaria mais tarde.

Informações/Informations:

Editorial, publicado em Sinapse, Volume 20, Número 2, abril-junho 2020. Versão eletrónica em www.sinapse.pt. Editorial, published in Sinapse, Volume 20, Number 2, April-June 2020. Electronic version in www.sinapse.pt.

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) 2020.

Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.

© Author(s) (or their employer(s)) 2020. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

Correspondência:

José Barros
Departamento de Neurociências
Hospital de Santo António
Centro Hospitalar Universitário do Porto
Largo do Prof. Abel Salazar
4099-001 PORTO, Portugal
jb.neuro@chporto.min-saude.pt

Publicado / Published: 2020-07-13

DOI: <https://doi.org/10.46531/sinapse/ED/COVID19/Barros.J/2020>

Outros peregrinos foram aparecendo, tentados pelos novos fluxos *fast-track* e pelo *RESEARCH 4 COVID-19* da FCT.

— É como o bacalhau: dezenas de tachos, milhares de receitas. Outra corrida, outra viagem... Temos COVID-19 à *la carte* nas ciências, tecnologias, artes, armas e letras. Há muita malta em teletrabalho, com *Internet* à borla... Deu nisto.

— O doutor já não quer saber da ciência? – perguntou o Rui, sobrinho do senhor Jorge.

— Já não abro o correio, nem o *Google*, nem a televisão. Tenho o *router* desformatado. Espero que o Dr. Bento venha para o consertar. Se o... diga lá o nome!... Isso! Se o Boris deixar a malta vir de férias.

Router à parte, ali todos sabiam que na pasta paralelepipedica de couro preto, modelo *executivo 007* dos anos 80, estavam artigos anotados, papéis com ideias, rascunhos especulativos, cartões com notas pragmáticas, além de renovadas exposições ao município contra o abate de dois plátanos na rua de Gondarém e de uma araucária na rua do Molhe. Aqueles ferrolhos metálicos, que já foram automáticos e dourados, não tardariam a abrir-se.

— Vou juntar outra mesa, para ficarem mais à vontade — disse e fez o senhor Delfim, pai do Rui.

Os peregrinos e o doutor concordaram, discordaram, maralharam e barafustaram. O doutor chegou mesmo a usar raros palavrões, infalivelmente suprimidos por quaisquer presenças femininas. Lá foram partindo, com ideias palpitantes ou as desilusões do costume.

O senhor Jorge resgatava a mesa, num rebate de consciência pelo delito de proximidade, quando apareceu uma jovem inquieta e esbaforida, como se a cidade ardesse.

— Venha comigo ver uma rapariga à UCIP. Ande daí, por favor!

— Fui médico.

— Encefalopatia aguda difusa, ventilada, com tudo normal. Testou positivo para COVID-19.

— Cutâneo-abdominais, sensibilidades do períneo e tónus do esfíncter anal?

— Está a arranjar pretextos. O senhor desespera um santo! A sério... Não acredito nisto!

— Quem está de serviço é o senhor Bastos? Não tenho paciência. Só falo com o nosso amigo... diga lá o nome.

— Dr. Carneiro! O senhor está farto de saber que já nenhum dos dois trabalha cá. Livra!... O caso é da Dr.ª Irene, que também está doente.

— Siga, mas é a última vez! Ponha na conta, senhor Jorge, mas só pago 1 euro pela fatia de cabaça.

Caminharam apressados nas novas rotas de riscos no chão e sinais no teto, seguranças rigorosas e álcool nas mãos, até ao fadário das vestimentas de proteção individual. A doente foi observada e os exames revistos, à parte teatralidades variadas. Não souberam o que dizer, mas isso já lhes tinha acontecido noutros casos.

— Quero o Dr. Romeu a olhar para a ressonância e um novo líquido. Os mensageiros vão registar o *Totobola* e quando chegam ao laboratório as células estão mortas! Leve os tubos em mão à Dr.ª Fernanda, que ela já sabe: amostras para Oxford, ao cuidado da Dr.ª Isabel, para o Zé Manel do INSA e para a minha arca. Líquor e sangue, claro.

— E a revisão terapêutica? A rapariga está com sete fármacos. Os autores dizem que o remdesivir...

— Suspenda tudo! Fica só com a tiamina. E, quais autores? Os da ciência universal?

— Não corto a dexametasona! – resmungou a jovem, que também tinha mau feitio, uma qualidade comum naquela tribo.

— A minha *velha amiga* dexe!... Essa deixe ficar.

No dia seguinte almoçou numa casa de pasto da travessa do Carmo, onde mandava a Guidinha, uma empregada implacável, zeladora da *mesa do senhor doutor*, coisa que não caía bem a ninguém. Eram raros os comensais que podiam lá sentar-se, mesmo em cadeiras subalternas. Alguns clientes assíduos tinham recantos vagamente cativos, mas de um grau menor, sem grandes garantias.

— Senhor Constantim, olhe a sopa do doutor! — gritou a Guidinha.

— Outra vez caldo com unha de porco! Sempre a escaldar o polegar na minha canja... — protestou o doutor.

— Mande-o bugiar, Constantim. É difícil equilibrar um prato de canja quente. Não pode por-lhe a mão por baixo... — disse de lá do fundo o advogado amigo.

— A oponência do polegar é uma marca da espécie, mas os males começam na cadeia alimentar, com o porco à cabeça e com os cabeças de porco — irritou-se o doutor.

O amigo jornalista, impregnado de conhecimento, meteu-se na conversa:

— Inventaste isso na terra do Torga, com a benção do Zé Gil. Uma tal doença *neuro-qualquer-coisa do reino do maravilhoso*. Os estudos até meteram radiografias aos presuntos da paróquia. Constou-me que desembolsaste umas massas para o restauro da capela, por conta dessas cumplicidades.

— Não foi em São Martinho, nem da Anta, nem inventei nada. Aristóteles viu os parasitas nos porcos e a cisticercose já era conhecida no homem do renascimento. Ajudou-me o senhor José João, homem de sete ofícios e matador de porcos. Os *jornaleiros* desta quelha não acertam uma...

— Falaram em José Gil, o filósofo? Presumo que estudaram a dimensão epistemológica da suinofobia. É que na teologia parece-me um tema muito singelo. Moisés proscreeu o porco por não ruminar, apesar de ter o casco fendido. Começo a interessar-me pelo tal parasita — pensou em voz alta um conhecido intelectual generalista.

— Qual filósofo? O senhor era o pároco da capela de Feitais, na freguesia de Souto Maior. Padre Gil, José Gil, irmão do padre António Gil, também de Sabrosa. Apresentou-me às gentes da aldeia durante a missa do meio-dia.

— Bem, eu interessei-me pela obra do filósofo Gil, José Gil, irmão do também filósofo Fernando Gil — demarcou-se o conhecido intelectual generalista.

— E eu pelo Gilberto Gil, pelo Gil Eanes e até pelo Ramalho Eanes! Saia-se a cabeça de pescada, Guidinha! — mandou o doutor.

— Hoje não há cabeça de pescada! A peixeira falhou-nos...

— Peixeira? Todos sabem que o peixe aqui da tasca vem da *Makro*!...

— Tenho ali uma truta que é uma beleza! — atreveu-se o senhor Constantim.

— Pescou-a o meu amigo Calvo no rio Bessa!... De certeza! — ironizou o doutor.

— Essa truta salmonada é dos viveiros Bessa da Noruega ou do Canadá... Ouve cá, tu não eras mais de caça? — picou-o um deputado cínico, em gozo prolongado do fim de semana.

O doutor deixou-se picar e zangou-se a sério com o político:

— Não pescas puto destas matérias. Larguei a caça, porque o guincho de coelho ferido começou a fazer-me mal. Um dia olhei bem para uma ninhada de 13 perdigotos gordos e deixei de mandar chumbo às perdizes. E, todo o peixe que pesco é logo devolvido à água. Quase todo... Agora, vocês andam a estragar as leis da pesca de rio. És rapaz para estar metido nisso. Não estudam, nem perguntam.

Chegou a truta, com o ar certinho do *Corte Inglês*.

— Decapitada e escalada! É assim que estragam o peixe. Esta moda miserável já chegou a Leça e a Matosinhos... Um dia metem lombos de truta no *passé-vite*. Traga-me um prego em pão, sem aditivos!... Pronto, deixe lá ficar a faneca...

O conhecido intelectual generalista ensaiou uma síntese brilhante, com rasgos de erudição:

— A falta da peixeira, o desleixo do deputado e o acriticismo do grelhador de trutas podem encaixar-se na *síndrome da não inscrição*. É um conceito sobre nós, os portugueses, muito desenvolvido pelo José Gil. Sabia disso, Guidinha?

— Os doutores dizem coisas de caixão à cova! Então essa é de escacha-pessegueiro... Não tendes é que fazer, nem coisas sérias em que pensar. Donde veio este andaço é que não descobris. Foram os chineses, mas não quereis dizer... Sois todos contra a América.

— Cadeia alimentar. A resposta tem de ser procurada na cadeia alimentar — setenciou o doutor.

— Parece-me fácil fazer um antibiótico para um bicho que morre com sabão *Clarim* — gracejou um procurador, tentando fundir duas piadas já com barbas.

Não gargalharam, ninguém sorriu e a Guidinha revoltou-se:

— Parece-lhe que o sabão *Clarim* é mau? A minha mãezinha fazia barrelas de cinza fervida, mas agora é tudo fidalgo!

— Coada de cinza de um carvalho-alvarinho com 300 anos vai entrar no ensaio que estamos a montar em Vilar de Perdizes. Noutros braços entram a chã de flor de sabugueiro, o licor de carqueja e o veneno de lacrau. O placebo já foi extraído de uma macedónia de ervas. O meu amigo padre Fontes não aceitou incluir rezas, nem ladainhas. Não quer maçadas com o bispo de Vila Real, nem eu com o Infarmed. Já nos basta a *Quercus*.

— Tu e os padres!... És uma espécie de incrêu beato. A diferença é que bebes água, enquanto o clero aprecia o bom vinho — acusou o jornalista.

— Já eu sou ao contrário — disse a filha do dono.

— Essa é boa! Conte lá, jovem.

— Acredito em Deus, mas não gosto de padres. Consumo-me muito com estas minhas más ideias. Nunca provei vinho, mas numa noite de São João bebi *Red Bull*. Às vezes, até acho que o vírus é um castigo.

— Traga lá essas cerejas de Resende, encaixotadas em Cáceres, jovem. E, não se inquiete. A verdadeira religião é a bola. A pova quer é futebolis. Copos e futebolis.

Chegou António, o internista, com muita coisa para dizer sobre a lesão alveolar da doença.

— Impinge-lhes a fisiopatogenia toda, Toninho. Desde o escalpe à sola do sapato, sem piedade. Sai sódio, entra

potássio... Para já saio eu, a caminho do Molhe, para ver se o meu *slide* está bem guardado pela polícia marítima.

Constara-lhe que a COVID-19 tinha tornados insolventes alguns comércios por ali. Na rua do Carmo deu pela falta do Bacelar & Irmão, da Casa das Fardas e da Científico-Médica. O que seria agora daquele bairro sem martelos de reflexos, batas brancas e livros de semiologia? De repente deu pelo logro: todas fecharam antes da pandemia!

Estava já a admirar a constância e fidedignidade do cheiro a cavalo emanado pelo quartel da GNR, uma invariância apenas ao alcance da alta perfumaria, quando se ouviu um toque polifónico, em volume crescente. Teria o doutor trocado o velho *Nokia 3310* pelo novo *iPhone*? Não. Era o meu despertador: 7h10 de mais uma manhã de retoma em estado de alerta.

Tem havido injustiças mil nesta pandemia e muitas estarão a caminho. Uma crueldade vil é o doutor Luis Monteiro não estar vivo. Vírus e anticorpos, epidemiologia e saúde pública, evidência e empirismo, política internacional e direitos humanos, dilemas constitucionais e mexericos partidários, birras autárquicas e intrigas domésticas: tudo ao mesmo tempo e ele ausente!

Ter-se-ia empolgado e revoltado, irritando-se e irritando-nos, inquietando-nos e consumindo-se, especulando, ironizando e ridicularizando, inundando-nos de dados, trocando artigos e dando fotocópias anotadas. Esperar-nos-ia nas esquinas, com o sorriso trocista de quem espera dar ou receber novidades. Escorraçaria os internos, para logo os mimar. Mandaria conservar amostras de tudo. Acusar-nos-ia de moleza, de frenesim ou de ambos. Ensaia-ria o seu clássico *TOT* (*tip of the tongue*) para os nomes de Trump, Fauci, Adhanom, Ursula von der Leyen, Graça Freitas, Cristina Ferreira e outros figurões: — *Diga lá!.. Aquele artista que se pirou de Turim pra Madeira?... Joga à bola. Você sabe!...*

Cismaria no mistério de ver o *Skype* ultrapassado pelo *Zoom*, pelo *Teams* e até pelo *WebEx*. Emburraria novo léxico com destaque para as expressões *achatar a curva*, *linha da frente*, *trabalho remoto* e *novo normal*. Ficaria saturado de epidemiologistas, matemáticos e virologistas *de renome* e preocupado com as cadeias de contágio, as insolvências, o desemprego, as quarentenas, o isolamento dos pobres e a documentação dos casos clínicos para memória futura. Teria uma galeria de comentadores, ordenada e numerada em função da respetiva pesporrência. Pesporrência é uma palavra bastante feia, que só ele dizia, mas que assenta como uma luva a muitos galifões que plissam na crista da pandemia. Adotei-a.

O doutor Luis Monteiro (sem acento, por lapso do regedor) merecia ressuscitar para viver estes dias. Não parecendo possível, seria injusto deixá-lo completamente à margem.

Dizer que fiz o que pude.

Dizer também que esta moda de principiar as frases no infinitivo impessoal singrou na pandemia, sendo hoje uma praga em alastramento promissor. Crer que isso lhe seria indiferente, preocupado com outros invasores, como a vespa-asiática, o lagostim-vermelho, o peixe-mosquito, a erva-pinheirinha e, principalmente, os diferentes cambiantes de furões. ■

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio o bolsa ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Comissionado; sem revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Commissioned; Not externally peer reviewed.

Prof. Doutor Luis Monteiro

© JB, 2002

Luis Augusto Santos Meneses Monteiro nasceu em Azóia, Leiria, em março de 1939. Licenciou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP), em 1966. Exilou-se na Suíça, em 1967, tendo trabalhado em Lausanne, Montreux, Genebra e novamente Lausanne, onde se especializou em Neurologia. Ingressou como especialista no Hospital Geral de Santo António (Porto), em 1978, na sequência de avaliação curricular e provas práticas, tendo obtido 13 valores. Doutorou-se no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS), em 1995, com a dissertação *Neurocisticercose no Norte de Portugal*, tendo como orientadores o Prof. Doutor Henrique Lecour (FMUP) e Prof. Doutor José Almeida Pinto (ICBAS). Dedicou-se essencialmente a neuroinfeciologia e a neurologia de urgência, mas também a neuroimunologia, a epilepsia e a doenças neuromusculares. Interessaram-lhe as culturas da natureza e as expressões do mundo rural, incluindo a *medicina popular*, mas também a vida mundana. Foi exímio no brídege e no conhecimento da literatura policial. Praticou, ensinou e defendeu uma Medicina rigorosa, baseada no conhecimento e na evidência científica. Aposentou-se aos 69 anos de idade, como chefe de serviço de Neurologia e professor associado convidado do ICBAS. Foi homenageado no *Jantar de Equinócio da Primavera*, em 2009, um encontro elegante de gente variada, reconhecida e feliz. Morreu em janeiro de 2017.